XXVII Encontro
de Iniciação à Docência

https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/enid/index

Pró-reitoria de graduação – ENID – 2025

ARTIGO SUBMETIDO AO XXVII ENID - 2025 - UFPB

O ENSINO DE HISTÓRIA A PARTIR DAS VIVÊNCIAS FEMININAS: METODOLOGIAS ATIVAS NA MONITORIA DE HISTÓRIA ANTIGA I

Elisama Lima da Silva
Mariana Olivia de Siqueira Souza
Serioja R. C. Mariano

Programa de Monitoria
CCHLA - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Campus I - João Pessoa – Paraíba

A HISTÓRIA DAS MULHERES E O MUNDO ANTIGO: UM PERCURSO METODOLÓGICO

Discutir acerca da participação feminina na História tem sido um grande desafio para os professores, tanto do ensino superior, quanto do básico. Assim, a Monitoria do componente curricular de História Antiga I, do curso de graduação em História da Universidade Federal da Paraíba, em conjunto com o ANKH – Grupo de Pesquisa e Ensino do Antigo Egito (CNPq/UFPB), decidiu trabalhar durante dois semestres (2024.2 e 2025.1) com a História das Mulheres no Ensino de História Antiga, pensando o protagonismo feminino por meio de Metodologias Ativas de Aprendizagem (MAA). No primeiro semestre, escolhemos trabalhar com as mulheres egípcias, por afinidade e por perceber a disponibilidade de fontes para a nossa pesquisa. A partir dessa escolha, passamos para o próximo passo que foi percorrer um caminho metodológico, quando começamos com uma leitura e análise historiográfica, passando pela escolha de algumas fontes principais e pela seleção de algumas figuras femininas. A partir disso, apoiadas nos materiais sobre ensino, planejamos a utilização de ferramentas para facilitar e aprofundar o pensamento crítico sobre a temática.

Já no segundo semestre, optamos por nos debruçar sobre a história das mulheres mesopotâmicas, percorrendo o mesmo caminho, mas com mais dificuldades, frente à escassez historiográfica, em português, acerca da temática. No decorrer do período, recebemos a proposta para uma atividade extensionista para a monitoria na educação básica, na Escola Municipal de Ensino Fundamental Aruanda, na qual apresentaríamos nossa ação sobre mulheres egípcias para turmas do 6.º ano. Essa experiência nos deu abertura para pensarmos e discutirmos possibilidades de adaptação do que outrora foi realizado na Academia, e agora, precisava ser reestruturada para os pequeninos da Escola Aruanda. Dividimos, portanto, este trabalho em duas seções, em que, na primeira, apresentamos aos leitores como realizamos a ação sobre as egípcias, e no segundo, sobre as mesopotâmicas.

PENSANDO AS EGÍPCIAS ANTIGAS NO ENSINO HISTÓRIA: DO ENSINO SUPERIOR ÀS EXPERIÊNCIAS NA EDUCAÇÃO BÁSICA

No Ensino de História, dentro e fora da universidade, ainda há muita dificuldade para se falar sobre a História das Mulheres, e apesar da preocupação de alguns professores com a abordagem nas aulas, as lacunas historiográficas sobre metodologias para se trabalhar as vivências femininas na Antiguidade ainda é um problema espinhoso. Foi com um olhar sensível a essa problemática que as monitoras da disciplina, com a orientação da professora, pensaram uma ação, que proporcionasse, aos estudantes, o conhecimento não só do contexto de atuação feminina generalizado, mas das mulheres em si, que possuíam nomes e atividades em diversos âmbitos daquela sociedade. Para além disso, um outro objetivo era mostrar um pouco sobre a compreensão e filosofia de vida dos antigos egípcios, que segundo Christiane Noblecourt, em seu *A mulher no tempo dos faraós* (1994), estava balizada na ideia de que, sendo o homem e a mulher criações divinas, regidos pela ordem dos deuses, seu cotidiano era baseado no respeito a *maat* (ordem/equilíbrio), pois infringi-la significava a chegada do caos. Assim, nota-se, durante o Egito faraônico, que ambos os sexos detinham certa equidade social, porque sendo um ou outro mais poderoso, poderia provocar desequilíbrio. Porém, a prática cotidiana, por vezes, não condizia com essa filosofia.

No dia a dia, no Egito, as mulheres detinham ampla atuação dentro da política, administração, religião, entre outros, mas, algumas funções eram limitadas aos homens, como, por exemplo, o título de faraó. Em nossa busca historiográfica, deparamo-nos com uma gama de material sobre essas mulheres e autores como Christian Jacq (1998), Christiane Noblecourt (1994) e Amanda Wiedemann (2007), os quais nos deram aporte teórico-histórico para trabalhar, durante o planejamento e efetuação da metodologia, a ação de mulheres em espaços e tempos diversos na cronologia da história egípcia. Assim, decidimos abordar personagens que abarcassem a heterogeneidade das figuras femininas, assim como as fontes, tomando, portanto, a decisão de percorrer um caminho desde a Literatura Egípcia, com o parto da Dama *Red-Djedet*, "Aquela que funda o que deve durar", aquela que deu à luz a três faraós da quinta dinastia, passando pela importância da ama e preceptoras das crianças reais. Como também sobre a vida das meninas e a educação que recebiam de sua mãe, personificada em nome da Dama *Mut*, cujo nome significa "a mãe", a qual representa tanto as mães da realeza, como também nos ajuda a pensar as vivências das mães de classes mais baixas.

E essa foi uma preocupação presente no planejamento da ação, posto que, na história das mulheres egípcias, devido a quantidade de fontes, há uma tendência de apresentar mais sobre a vida de mulheres nobres, enquanto as outras acabam marginalizadas e até mesmo silenciadas. Assim, levamos para a aula, o debate sobre outros espaços ocupados por outras mulheres, como o governo provinciano, citadino, ou de uma circunscrição administrativa, podiam também exercer cargos como: Inspectora do Tesouro, ou Superiora das Estufas e da Casa da Tecelagem, Coordenadora dos/as cantores/as e bailarinos/as, Chefe das perucas, entre outros. Também exerciam funções como parteiras, carpideiras, médicas, cirurgiãs, latifundiárias. Além disso, algumas mulheres modestas tinham acesso à educação, logo, aprendiam a ler e escrever, possibilitando ascensão social, a partir de cargos e profissões mais altas, porém seu acesso era em menor proporção. Enquanto encaminhávamos para o final da aula, percebemos o efeito do ensino de História das Mulheres nos estudantes, enquanto enfatizavam não ter tido acesso aquelas histórias outrora, e em como pensavam em levá-las para o ensino básico, enquanto professores em formação.

Finalizamos o nosso momento, com uma citação de Christiane Noblecourt, quando ela diz que é notório o respeito à figura feminina no Egito Antigo, pela

> a mãe respeitada acima de tudo, a mulher sujeita a uma estrita lei moral, mas dotada de grande liberdade de expressão: sua total capacidade jurídica, sua surpreendente independência financeira, o impacto de sua personalidade na vida familiar, a gestão dos bens comuns e de seus próprios bens" (1994, p. 19)

A partir dessa fala, fazendo um parâmetro com um trecho extraído de um dos poemas de amor contidos no *papiro Chester Beatty I*, *da* XXª Dinastia, em *Deir el-Medina*[1], o qual foi editado por Sir Alan Gardiner (apud Noblecourt, 1994, p. 336-7), pedindo, aos estudantes, que, a partir da leitura coletiva, respondessem as perguntas:

1. Quais aspectos e representações sobre a fisionomia feminina podemos perceber a partir desse poema?
2. E sobre as questões relacionadas ao erotismo?

E suas respostas, mais uma vez, os/as discentes demonstraram como metodologias ativas no ensino são ferramentas indispensáveis para o/a professor/a. A contribuição dessa ação para a turma foi evidente, mas para as monitoras foi determinante, tanto na formação como pesquisadoras, quanto docentes. Ficou perceptível, desde o planejamento, até a efetivação, nos detalhes, nas conversas com a orientadora, no espaço cedido por ela, em como a Monitoria é um projeto rico para as trocas de saberes entre docente, monitoras e discentes, como retratado na imagem 1.

Imagem - 1
Fotografia durante a ação sobre mulheres egípcias antigas, na turma de História Antiga I (2024.2), ministrada pela Profa. Dra. Serioja R. C. Mariano



Fonte: Arquivo pessoal das autoras.

A partir da experiência com o tema e a aula ministrada no período (2024.2) do Curso de História da Universidade Federal da Paraíba, a monitoria da disciplina de História Antiga I recebeu um convite do PIBID[2], para lecionar uma aula para o 6º ano do Ensino Fundamental da EMEF Aruanda, sobre a atuação feminina no Egito Antigo. A adaptação das aulas feitas no Ensino Superior

1 Na antiguidade a vila dos artesãos era conhecida como *Set Ma'at*, ou "Lugar da Verdade".
2 Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência.

para o Ensino Básico se tornou uma grata surpresa, visto a percepção de que muitos dos materiais poderiam ser utilizados no Ensino Fundamental, sendo chaves importantes para o atrativo e manutenção de atenção durante toda a aula. A participação da monitoria foi recebida com olhares interessados e dúvidas diversas sobre o conteúdo, devido ao pouco contato dos/as estudantes com a História das Mulheres, mas com indagações diversas que nos permitiram utilizar dos conhecimentos prévios e, por vezes, estereotipados para introduzirmos a temática e podermos aguçar a participação estudantil.

O contato com as vivências femininas desde o nascimento, passando pela atuação das parteiras nesse momento, até a vida adulta, foi feito com o auxílio de documentos, imagens de pinturas e artesanatos que retratam as mulheres de forma ativa e central nas ações, propiciando uma nova noção aos estudantes sobre a participação feminina. A leitura dos *Crimes da Dama Héria*, que foi acusada de roubo em *Deir el- Medina*, tornou-se um caso de muita curiosidade, já que retirou a mulher do espaço castidade moral e a introduziu ao pensamento de naturalização destas enquanto pessoas que erram, rebelam-se e, neste caso, cometem crimes. Desse modo, a análise feita das mulheres em diversos segmentos sociais, como as dançarinas e as musicistas, apresentadas a partir de uma iconografia, como na imagem 2, possibilita uma variada utilização de fontes e o interesse dos estudantes, o que nos fez pensar no modo em que, enquanto futuras docentes, podemos diversificar a aula e conduzirmos os pensamentos pré-existentes dos alunos para que eles se tornem os protagonistas, retirando-os da passividade frente ao processo de aprendizado. A experiência foi importante para que as monitoras pensassem o Ensino de História e a necessidade de metodologias ativas para enriquecer a atuação docente.

Imagem - 2
Monitoras em ação na Escola Municipal Aruanda, em João Pessoa-PB.



Fonte: Arquivo pessoal das autoras.

MULHERES MESOPOTÂMICAS: TRABALHANDO METODOLOGIAS ATIVAS NO ENSINO DE HISTÓRIA ANTIGA I

Durante a abordagem do conteúdo que compreende as populações que viveram entre os rios Tigre e Eufrates, na Mesopotâmia, percebemos expressivamente a atuação feminina em todos os segmentos daquela sociedade, sendo um ponto de partida para o estudo mais aprofundado da história das mulheres. Embasadas pela percepção de Funari (2021), que argumenta acerca do aprofundamento das raízes patriarcais dentro da historiografia, que se reverbera na subalternização do sexo feminino perante as mudanças vistas no passar do tempo, retirando suas participações históricas e culturais. Sob esse olhar, procuramos por estudos que recomponham o papel da mulher ativa dentro do recorte da antiguidade mesopotâmica.

Visto isso, a utilização de autoras como Anita Fattori (2020) e Cecile Michel (2005), e o *Compêndio Histórico de Mulheres na Antiguidade* organizado por Semíramis Corsi Silva, Rafael Brunhara e Ivan Vieira Neto (2021), permitiu um expressivo aprofundamento no tema e a estruturação de ações metodológicas que, com o auxílio da orientadora, tornou-se possível uma atuação efetiva da monitoria dentro da sala de aula, visando uma maior consciência histórica sobre a história das mulheres. Pensando em proporcionar uma maior assimilação do objeto de conhecimento, a utilização de iconografias, música e literatura foi fundamental para que pudéssemos explorar personalidades diversas de mulheres mesopotâmicas, apresentando aspectos que compreendem desde as pompas da vida dividida entre os palácios e os templos de adoração, até aquelas marginalizadas, dentro da historiografia e em suas vivências no passado, como as prostitutas e as escravizadas. Ao nos depararmos com mulheres inseridas na vida comercial, como *Tarām-Kūbi*, que transitava entre a rede de contatos e negócios, ou aquela senhora rica que deixa seu testamento de posses e muitas outras existências, foi possível entender de modo mais acentuado sobre a participação feminina dentro da sociedade mesopotâmica. Essa busca por representatividade se explica pela tentativa de demonstrar que as mulheres nunca deixaram de trabalhar em prol das deidades, das suas famílias e das comunidades das quais estavam inseridas, sendo suas vivências particulares e coletivas símbolos de atuação e resistência.

Dado o exposto, as noções historiográficas sobre a Assiriologia permitiram a elaboração do material utilizado em sala de aula que, por meio de slides, pudemos apresentar, aos discentes, algumas das figuras encontradas que transitam entre as leis do sistema jurídico e as realidades diárias, quando *Amat-Asalluhi*, uma jovem rica de Sippar, recebeu como dote uma quantidade expressiva de bens para que possa começar uma vida matrimonial de forma confortável:

> Uma escrava chamada Ana-shumiya-liblut, brincos de ouro pesando 2 siclos [= 16 gramas], uma caçarola de 20 litros, 5 peças de tecido, 12 vestes, 11 turbantes, 2 cofres, uma vaca, 15 cordeiros, uma pedra de mó para moer a farinha, uma pedra de mó em basalto, um leito de madeira de macieira, 6 cadeiras, uma mesa em madeira-musukkannum, 4 tigelas de madeira; eis tudo o que Nabium-atpalam, seu pai, deu para sua filha Amat-Asalluhi. (Michel & Lion, 2005)

Sendo assim, foi relevante a apreciação iconográfica de representações de jóias e a citação do documento para que pudéssemos explorar mais sobre o contexto sócio-histórico que a jovem se encontrava e como esses interferiram no seu modo de vida, estabelecendo o diálogo com os estudantes que o estilo de vida da jovem de Sippur não é um padrão representativo de todas as mulheres mesopotâmicas, tendo em vista as distintas classes sociais que compunham aquela sociedade. Em contrapartida a uma vida que, mesmo diante das restrições, oferecia maior liberdade, a existência das mulheres prostitutas e escravizadas foi apresentada, apesar das poucas fontes, sendo possível analisá-las por meio de trechos de leis que ao limitar o uso de véu às senhoras casadas, estabelece punições para caso mulheres em condição de escravização e prostituição fossem vistas com o adereço mencionado, revelando aspectos da hierarquia e controle social que envolvem a época.

Os enfoques em experiências de pessoas de diferentes setores da sociedade possibilitaram a utilização de perguntas que envolvessem o tema, problematizando as abordagens historiográficas sobre a História das Mulheres e, especialmente, ao perceber os silenciamentos e lacunas diante do Ensino de História. A ação metodológica baseada em Circe Bittencourt (2008) ao propor a aplicação de diversas fontes como suporte em sala de aula, foi importante ao expor para os discentes e futuros professores, formas variadas de complementação de materiais que se

tornem didáticos, propiciando uma maior apreciação do objeto de conhecimento e fomentando a consciência histórica. Portanto, nas nossas análises acerca das atividades da monitoria, consideramos o debate feito pela turma, na imagem 3, durante a apresentação das Metodologias Ativas de Aprendizagem, de maneira positiva, ao notarmos uma série de problematizações frente ao debate sobre a Historiografia e o Ensino de História.

Imagem - 3
Turma de História Antiga I (2025.1), ministrada pela Profa. Dra. Serioja Mariano, após a apresentação da ação sobre mulheres mesopotâmicas



Fonte: Arquivo pessoal das autoras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A História das Mulheres na Antiguidade, a partir do Ensino de História, ainda é envolta por uma névoa, seja pela dificuldade de fontes, seja pela organização dos Currículos de Ensino que, por vezes, negligenciam a temática, urgindo, portanto, de novos estudos que aproximem a pesquisa do ensino, para que parte dos estereótipos e marginalizações exercidas durante grande parte da História possam ser revisitadas e discutidas dentro do Ensino Básico e Superior. Logo, percebemos durante a monitoria, a importância da conexão entre o ensino universitário e as escolas, quando na experiência da EMEF Aruanda, adaptamos a linguagem e a pesquisa acadêmica para compartilhar o conhecimento aos pequenos estudantes.

Essa atuação da monitoria também nos fez perceber que ela pode se dar para além da sala de aula, como exemplo podemos citar a assistência aos alunos e alunas no Laboratório de História. Outra possibilidade foi quando pensamos, organizamos, e até mesmo, aplicamos, junto a professora, algumas avaliações. Além disso, esse projeto também nos abriu portas para participação em eventos como o II Encontro de Discentes - Entre conexões e Diálogos: 20 anos do PPGH/UFPB, como a 33.ª Anpuh[3]; e para a integração do Grupo de Pesquisa Saberhis[4]. Por fim, a Monitoria foi uma experiência recheada de muitas aprendizagens. A resolução de desafios, o

3 Associação Nacional de História (ANPUH).
4 Saberes e Metodologias para o Ensino de História (DH/PPGH/UFPB/CNPq)

contato com os outros estudantes, o incentivo a pesquisas relacionadas não só com os temas específicos da disciplina, mas sobre o Ensino de História, foram de suma importância para nossa formação acadêmica e profissional, visto que nos presenteou com situações e questionamentos que aperfeiçoaram nossa prática docente.

REFERÊNCIAS

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

FATTORI, Anita. **Atuação de mulheres assírias nas redes de comércio inter-regional** do II milênio aEC: Possibilidades de abordagens de gênero nos estudos da Antiga Mesopotâmia**. Mare Nostrum**, ano 2020, v. 11, n. 1.

FATTORI, Anita. Tarām-Kūbi & Šimat-Aššur. In: SILVA, Semíramis Corsi; BRUNHARA, Rafael de C. Matiello; VIEIRA NETO, Ivan. **Compêndio Histórico de Mulheres da Antiguidade: a presença das mulheres na Literatura e na História** / Semíramis Corsi Silva, Rafael de C. Matiello Brunhara & Ivan Vieira Neto (org.). - Goiânia: Tempestiva, 2021, p. 261-268.

FUNARI, Pedro Paulo A. As Mulheres, protagonistas na História e na Cultura: Antiguidade a serviço da convivência. In: SILVA, Semíramis Corsi; BRUNHARA, Rafael de C. Matiello; VIEIRA NETO, Ivan. **Compêndio Histórico de Mulheres da Antiguidade: a presença das mulheres na Literatura e na História** / Semíramis Corsi Silva, Rafael de C. Matiello Brunhara & Ivan Vieira Neto (org.). - Goiânia: Tempestiva, 2021, p. 21-28.

JACQ, Christian. **As Egípcias:** retratos de mulheres do Egito Faraónico. Trad. Maria Bragança. Portugal: Edições Asa, 1998.

LION, Brigitte. MICHEL, Cécile. As mulheres em sua família: Mesopotâmia, 2o milênio a.C. **Tempo**, Rio de Janeiro, n.º 19, pp. 149-173, 2005. Disponível em: https://www.scielo.br/j/tem/a/mk9t9mbFStcDKdFZ3dN5Srd/. Acesso em: 04/08/2025.

NOBLECOURT, Christiane Desroches. **A mulher no tempo dos faraós.** Tradução: Tânia Pellegrini - Campinas, SP: Papirus, 1994.

POZZER, Kátia M. P. Mulheres na Antiga Mesopotâmia. In: SILVA, Semíramis Corsi; BRUNHARA, Rafael de C. Matiello; VIEIRA NETO, Ivan. **Compêndio Histórico de Mulheres da Antiguidade: a presença das mulheres na Literatura e na História** / Semíramis Corsi Silva, Rafael de C. Matiello Brunhara & Ivan Vieira Neto (org.). - Goiânia: Tempestiva, 2021, p. 233-244.

ROCHA DA SILVA, Thais. Naunakhte. In: SILVA, Semíramis Corsi; BRUNHARA, Rafael de C. Matiello; VIEIRA NETO, Ivan. **Compêndio Histórico de Mulheres da Antiguidade: a presença das mulheres na Literatura e na História** / Semíramis Corsi Silva, Rafael de C. Matiello Brunhara & Ivan Vieira Neto (org.). - Goiânia: Tempestiva, 2021, p. 357-362.

SILVA, Semíramis Corsi; BRUNHARA, Rafael de C. Matiello; VIEIRA NETO, Ivan. **Compêndio Histórico de Mulheres da Antiguidade: a presença das mulheres na Literatura e na História** / Semíramis Corsi Silva, Rafael de C. Matiello Brunhara & Ivan Vieira Neto (org.). - Goiânia: Tempestiva, 2021.

WIEDEMANN, Amanda. **A questão de gênero na literatura egípcia do II milênio a.C**. Tese - Doutorado em História. Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. Niterói: UFF, 2007.

ZDEBSKYI, Janaina de Fátima. Enheduana. In: SILVA, Semíramis Corsi; BRUNHARA, Rafael de C. Matiello; VIEIRA NETO, Ivan. **Compêndio Histórico de Mulheres da Antiguidade: a presença das mulheres na Literatura e na História** / Semíramis Corsi Silva, Rafael de C. Matiello Brunhara & Ivan Vieira Neto (org.). - Goiânia: Tempestiva, 2021, p. 255-260.